

CIÊNCIA

Estudo indica danos ocultos na Amazônia

RICARDO BONALUME NETO
 especial para a Folha

Um estudo feito por pesquisadores do Brasil e dos EUA revelou uma devastação oculta da floresta Amazônica: a ação das madeiras "danifica significativamente", a cada ano, entre 10 mil e 15 mil quilômetros quadrados de mata que não aparecem nos mapeamentos oficiais feitos por satélite.

Como comparação, segundo estimativas do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), foram desmatados 16.838 km² em 98, contra 13.227 km² em 97 e 18.140 km² em 96.

Os danos da extração de madeira não são computados porque não chega a haver um desmatamento completo, com a substituição da floresta por pasto ou área agrícola. Essa substituição aparece com facilidade nas imagens de radares de pesquisa em aviões.

Mas computar apenas as áreas de floresta e de não-floresta "negligencia aquelas alterações que reduzem a cobertura de árvores, mas não a eliminam, como a extração de madeira e os fogos superficiais", dizem os pesquisadores em artigo da edição de hoje da revista científica britânica "Nature".

A equipe de pesquisa, de 12 pessoas, foi liderada por Daniel Nepstad, do Centro de Pesquisa Woods Hole, de Massachusetts (leste dos EUA), e também do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia, da Universidade Federal do Pará, em Belém.

Também fazem parte do estudo pesquisadores da Universidade Federal do Acre, do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (de Belém), do Inpe e da Nasa (agência espacial norte-americana).

A equipe fez um detalhado e demorado trabalho de campo. Fo-

ram entrevistados os responsáveis por 1.393 serrarias das 2.533 espalhadas pela região. Também foram entrevistados 202 proprietários de terras para checar áreas onde houve desmatamento e queimadas.

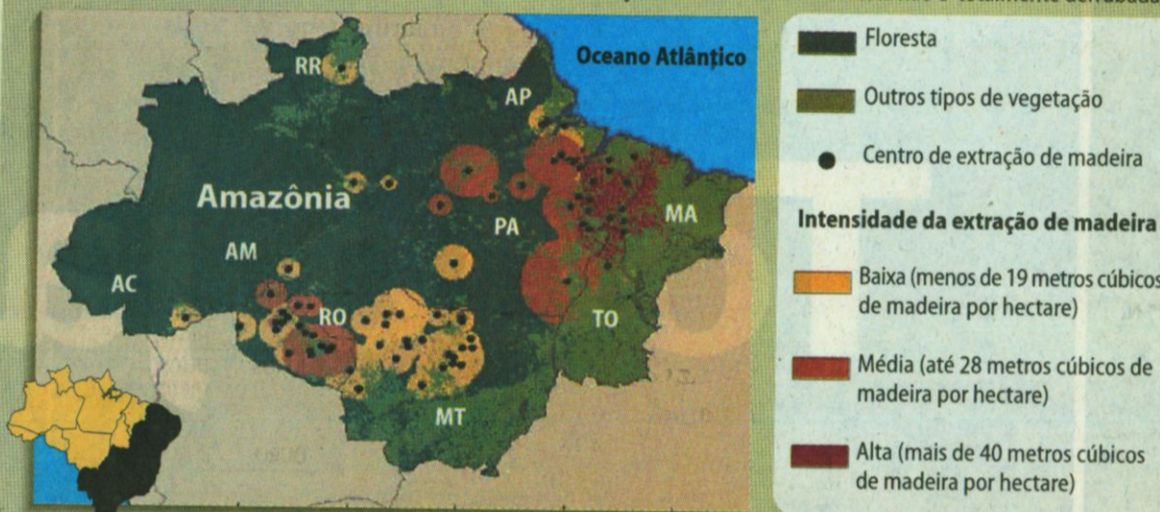
Com base nos dados da extração de madeira de 96 e 97, foi calculada a área de floresta necessária para obtê-la. Os cálculos foram checados com medidas diretas em algumas áreas de extração.

A retirada seletiva de madeira deixa a floresta mais vulnerável a incêndios, pois o sol passa pelas clareiras e seca o material orgânico sobre o solo, como folhas e galhos. Em épocas de secas prolongadas, a área afetada pode ser bem extensa.

Durante a seca provocada pelo fenômeno climático El Niño em 97-98, os cientistas calcularam que 270 mil quilômetros quadrados de floresta não tinham mais água para as plantas nos primeiros 5 m de solo, ao final da estação.

A devastação da Amazônia que o satélite não vê

Estudo indica que dados de desmatamento não consideram extração de árvores onde a floresta não é totalmente derrubada



Estado	Centros de extração de madeira	Total de serrarias	Dados de desmatamento obtidos por satélite		O que o satélite não vê
			1993-95 (km ² por ano)	1996 (km ² por ano)	Área florestal degradada por corte seletivo de madeira (km ² por ano)
Acre	1	25	720	430	120 a 210
Amapá	2	89	0	0	80 a 140
Amazonas	3	20	950	1.020	290 a 500
Maranhão	2	52	830	1.060	160 a 200
Mato Grosso	22	708	7.610	6.540	4.080 a 7.000
Pará	24	1.324	5.470	6.130	3.560 a 4.910
Rondônia	19	272	3.310	2.430	1.320 a 1.920
Roraima	1	25	230	210	80 a 140
Tocantins	1	18	490	320	40 a 70
Total	75	2.533	19.610	18.140	9.730 a 15.090

Fonte: Daniel Nepstad e colaboradores, "Nature", 8 de abril

Ibama não comenta a pesquisa

especial para a Folha

O presidente do Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), Eduardo Martins, não quis comentar as conclusões do estudo publicado hoje na revista britânica "Nature" sobre a extensão da devastação da floresta Amazônica.

Martins só deverá se manifestar sobre o assunto após tomar conhecimento da metodologia dessa pesquisa, segundo a assessoria de imprensa do órgão.

O estudo ressalta que o risco de incêndio é agravado pela secagem da mata, mas que, mesmo não estando tão seca, ela pode queimar.

A floresta Amazônica é do tipo "equatorial úmido". Em época de seca, pode ficar várias semanas sem chuva. Entender o que ocorre nesse período é importante para saber o papel da floresta no clima e o que pode acontecer com ela.

"Nós queríamos saber qual seria o efeito, na floresta, da extração de madeira, e o que aconteceria em um ano muito seco", diz um dos autores da pesquisa, o brasileiro

Carlos Nobre, que chefia o CPTEC/Inpe (Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos do Inpe).

Para poder resistir até mesmo a dois meses sem chuva, as árvores criam raízes profundas, algo que já se estuda há vários anos.

A floresta densa costuma preservar sua umidade por baixo das copas das árvores, que formam o chamado "dossel". Mas, quando há uma clareira, o sol pode secar o mato, criando condições para incêndios. "É o começo da degradação", diz Nobre.

Os pesquisadores afirmam, no artigo na "Nature", que os dados revelados indicam que seria necessário restringir a ação das madeiras ou substituir os métodos convencionais de extração por outros de menor impacto.

Pelos métodos mais convencionais, para cada árvore de interesse comercial extraída, várias outras são destruídas, criando-se uma clareira e uma trilha que tornam a floresta ao redor mais vulnerável.

A equipe também sugere mais investimentos na prevenção de incêndios acidentais. (RBN)